

ESTUDO DA OBRA ACADÊMICA DE CLÁUDIO MANUEL DA COSTAMarcela Verônica da SILVA¹**RESUMO**

O trabalho tem como proposta estudar a obra acadêmica de Cláudio Manuel da Costa. Os referenciais teóricos adotados foram buscados nas Retóricas e Poéticas antigas. O *corpus* é composto por correspondências; *Juramento*; *Apontamentos para se unir ao Catálogo dos Acadêmicos Supranumerários*; *Estatutos da Academia Brasileira dos Renascidos*, além do drama *O Parnaso Obsequioso*. A busca, inclusão e análise dos textos não literários direciona a obra de Cláudio Manuel da Costa para a esfera dos estudos acadêmicos e, pode configurar sua produção não poética na consolidação de uma orientação formal de escrita condizente com a época na qual foi produzida.

PALAVRAS-CHAVE: *Literatura brasileira – Até 1800; Instituições e sociedades científicas; Costa, Cláudio Manuel da, 1729-1789; Retórica antiga*

ABSTRACT

The present work proposes the study on the work of Costa, Cláudio Manuel in the context of *Academia Brasílica dos Renascidos*. In order to accomplish our goal, the theoretical references adopted were searched in ancient Rhetoric and Poetics. The *corpus* is composed by the correspondence; *Juramento*; *Apontamentos para se unir ao Catálogo dos Acadêmicos Supranumerários*; *Estatutos da Academia Brasileira dos Renascidos*. The search, adoption and analysis of the non-literary texts in this work were a way of addressing the work of Costa, Cláudio Manuel in the context of the academic studies and, by doing so, to configure his non-poetic production in a formal orientation of writing that fits the time in the which it was produced.

KEY WORDS: *Brasilian Literature until 1800; Institutes and Cyentific (); Costa, Cláudio Manuel da, 1729-1789; old Rhetóric*

¹Mestranda - UNESP/Assis

A proposta deste trabalho é desenvolver um estudo analítico da obra acadêmica de Cláudio Manuel da Costa. Para tanto, os referenciais teóricos que sustentam a análise foram buscados nas Retóricas e Poéticas antigas, com maior atenção para os nomes de Aristóteles e Quintiliano (Oratória). Também foram utilizados o ensaio de Roland Barthes intitulado *Retórica Antiga* (1975), a obra de Ernst Robert Curtius intitulada *Literatura européia e idade média* () e a obra de Helmut Hatzfeld intitulada *Estudos de Estilística* (). Outros referenciais de igual importância para a fundamentação teórica foram os seguintes:

Para o entendimento do academicismo, foram utilizadas as obras *Academias Literárias dos Séculos XVII e XVIII* de João Palma-Ferreira (1982), a tese de doutorado *Academia Brasílica dos Acadêmicos Renascidos- Fontes e Textos*, de Yêdda Dias Lima (1983), *A Academia Brasileira dos Renascidos* de Alberto Lamago (1923) e *O Movimento Academicista no Brasil* de José Aderaldo Castello (1969), que também contribuíram por disponibilizarem o *corpus* do trabalho. As obras *Obras Poéticas de Cláudio Manoel da Costa* de João Ribeiro (1903), *O Inconfidente Cláudio Manuel da Costa* de Caio de Mello Franco (1931) e a *Poesia dos Inconfidentes*, organizada por Domício Proença Filho (1996) debatem o *corpus* utilizado e, com auxílio dos seus prefácios e análises, esclareceram questões sobre o autor estudado.

O *corpus* é composto por algumas correspondências endereçadas aos membros da *Academia Brasílica dos Renascidos*, como ao Secretário José Gomes Ferrão Castelo Branco, aos censores João Borges de Barros e João Ferreira Betencourt e Sá e aos colegas acadêmicos; outros textos importantes para estudo de um Cláudio Manuel da Costa acadêmico são um *Juramento*, dirigido à mesma agremiação e os *Apontamentos para se unir ao Catálogo dos Acadêmicos Supranumerários*, que dão notícia da biografia e da produção escrita do poeta em questão, além do drama *O Parnaso Obsequioso* no qual figura a alusão à *Arcádia Ultramarina*. Nestes textos destacam-se algumas características que os tornam produto de um mesmo referencial de escrita. Deste modo, cabe enfatizar os elementos como o encômio, a tópica da falsa modéstia, a exploração de figuras de linguagem, além de abordar características dos gêneros dos textos e de suas relações com cada um dos diferentes subgêneros propostos pela Retórica. O recorte para tratamento dos elementos acima propostos justifica-se pela importância formal e de representação que estas escolhas significam, tanto no âmbito das produções letradas, como no espaço de produção coletiva que caracterizaram as academias e as outras agremiações.

A busca, inclusão e análise dos textos não literários neste trabalho foi uma forma de direcionar a obra de Cláudio Manuel da Costa para a esfera dos estudos acadêmicos e, deste modo, poder configurar sua produção não poética na consolidação de uma orientação formal

de escrita condizente com a época na qual foi produzida.

O interesse no estudo da obra acadêmica de Cláudio Manuel da Costa é fruto de uma pesquisa anterior que envolvia a transcrição e atualização de um manuscrito referente a uma *Oração Acadêmica* escrita pelo Padre João Borges de Barros, recitada no dia 10 de setembro de 1724 para a *Academia Brasílica dos Esquecidos*.

João Borges de Barros pertenceu não apenas à *Academia Brasílica dos Esquecidos* (ABE), mas também foi um importante participante da *Academia Brasílica dos Renascidos* (ABR), agremiação posterior, que propunha ser uma continuação da primeira, porém, com um propósito mais científico², já que o interesse desta academia era produzir uma historiografia da América portuguesa. Deste modo, a religião e o encômio, características presentes na ABE, eram menos utilizadas na ABR. Assim, durante o estudo da obra acadêmica do padre em questão fez-se necessária a exploração das produções de outros integrantes desta agremiação e chegou-se a algumas correspondências trocadas entre os acadêmicos, entre elas, cartas do poeta Cláudio Manuel da Costa, que atestavam sua participação nas atividades da *Academia Brasílica dos Renascidos*. Nasceu dessa documentação nosso interesse pela presente pesquisa.

Os estudos a respeito do século XVIII no Brasil e das Academias histórico-literárias desta época são resultados de trabalhos executados pelo grupo de pesquisa *A Escrita no Brasil Colonial e suas relações*³. Um estudo aprofundado a respeito de um acadêmico renomado pela sua veia poética no campo da literatura brasileira, como é o caso de Cláudio Manuel da Costa, justifica-se por poder resgatar textos paralelos à sua expressão literária e dar uma direção integradora aos estudos deste período e à rotina letrada e administrativa do Brasil, enquanto extensão administrativa e espaço geográfico diferente de Portugal.

Do ponto de vista metodológico, optamos por trabalhar com documentos impressos, embora, com relação à Academia dos Renascidos, alguns deles possuam edição antiga e, em alguns casos específicos, tenhamos que recorrer a textos manuscritos para sanar algumas dúvidas. Assim, as transcrições desses documentos deverão respeitar a sua forma original, não cabendo a nós utilizar outra técnica que não a da transcrição ou edição diplomática, para não sobrecarregar o trabalho com elementos de natureza relativa à crítica textual. O fato de

² Em suas dissertações históricas os acadêmicos renascidos buscavam comprovar suas palavras a partir de fontes concretas, por isso, pode-se dizer que esta academia era mais “científica“. A existência de sócios correspondentes, como era o caso de CMC, tinha a função de coletar documentos de suas respectivas capitâneas e, em seguida, escrever com base nesses dados.

³ Este grupo de pesquisa é liderado pelos professores Carlos Eduardo Mendes de Moraes e João Roberto Inácio Ribeiro, na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, *Campus*

buscarmos documentos de fontes distintas e diversas advém da necessidade de criarmos um novo perfil para a obra de CMC. Este perfil caminha contrariamente aos trabalhos que visam a estabelecer uma obra poética de sua autoria, preocupando-se, antes, com uma coleção de documentos nem sempre literários, mas centrados todos eles em uma prática de exercício acadêmico que aqui procuraremos demonstrar e debater, como um complemento teórico e bibliográfico de tratamento de sua obra.

Para melhor compreensão da estrutura do trabalho, cabe estabelecer a ordem em que os capítulos foram dispostos, bem como o assunto de que trata cada um deles. Assim, cabe destacar que ele é disposto em duas partes: a primeira aborda a fundamentação teórica e o suporte documental e abarca os três primeiros capítulos e a segunda parte do trabalho aborda as questões relativas aos espaços do Barroco e do Arcadismo respectivamente.

O primeiro capítulo trata da transição de estilos Barroco - Árcade no Brasil, sem a intenção de inserir Cláudio Manuel da Costa em uma ou outra estética, mas apenas procurando demonstrar que esta transição se marcou mais profundamente no campo ideológico e das escolhas vocabulares do que propriamente na dependência dos parâmetros imitados da Antigüidade Clássica. O autor, nesse capítulo, é apenas referência, uma vez que podemos estender nossas considerações a todo o período. Esta proposição se comprova com a análise de dois pontos de vista teóricos distintos: Caio de Mello Franco, para o qual a obra de CMC é “narrada” a partir de um suporte biográfico, e Melânia Silva de Aguiar, cuja abordagem da obra poética de CMC se faz com uma base científica. A nossa opção metodológica pela segunda autora guiará a discussão, aplicando critérios parelhos aos adotados pela autora para discutirmos a obra acadêmica de CMC.

O segundo capítulo contextualiza a produção letrada do Brasil e de Portugal no século XVIII, determinando a vida das academias portuguesas desde as origens até o momento do estabelecimento destas agremiações e indica as suas finalidades no Brasil Colônia. Nesta perspectiva, inicia a discussão pela prática do mecenato entre os eruditos e pela consideração da ideologia jesuítica (baseada na escolástica⁴) como parâmetro para as atividades realizadas

de Assis. Desde 1995 o grupo preocupa-se em trazer à tona documentos de valor histórico e literário.

⁴ Escolástica: 1. Propriamente a filosofia cristã da Idade Média. Chamou-se *scholasticus*, nos primeiros séculos da Idade Média, o professor de artes liberais e, em seguida, o docente de filosofia ou teologia que dava as suas lições, primeiramente na escola do convento, ou da catedral, e depois na Universidade. E, significa, portanto, literalmente, a filosofia da escola. Como as formas do ensino medieval eram duas, a *lectio*, que consistia em um comentário de um texto, e a *disputatio*, que consistia no exame de um problema feito com a discussão dos argumentos que se podem aduzir *pro* e *contra*, a atividade literária assumiu na E. predominantemente a forma de *Comentários*, ou de coleções de questões. O problema fundamental da E. é o de levar o homem à compreensão da verdade revelada. A E. é o exercício da atividade racional (ou, na prática, o uso de uma certa filosofia determinada, a

até a primeira metade do século XVIII e, com a morte de D. João V, a crescente ação do Marquês de Pombal como promotor de um pensamento ilustrado emergente no espaço lusitano das produções letradas. Para um melhor entendimento da ação pombalina, foram utilizadas as obras Testamento Político de D. Luís da Cunha (1976), importante documento do século XVIII que trata da implantação da ideologia iluminista em Portugal, porém recorrendo ao absolutismo como forma de governo e também a obra *Verdadeiro Método de Estudar* (1952) do pensador português Luís António Verney, que propunha uma mudança no sistema de ensino do início do século XVIII em Portugal também alicerçada na ideologia iluminista.

O terceiro capítulo caracteriza-se pela apresentação dos estatutos da *Academia Brasílica dos Renascidos* e pela adequação da figura do letrado Cláudio Manuel da Costa às suas normas.

O quarto capítulo discute as orientações de escrita calcadas nas Retóricas utilizadas pelos letrados da época. Para o cumprimento desta proposta, cabe enfatizar que a Retórica significa orientação formal aplicável particularmente aos *textos acadêmicos* de Cláudio

neoplatônica ou a aristotélica) com vistas a aceder à verdade religiosa, a demonstrá-la ou esclarecê-la nos limites em que isso é possível e de organizar para ela um instrumental defensivo contra a incredulidade e as heresias. A E. , portanto, não é uma filosofia autônoma, como por ex., a filosofia grega: o seu dado ou o seu limite é o ensinamento religioso, o dogma. Na sua própria função, ela não se fia só nas forças da razão, mas apela, para auxílio, para a mesma tradição religiosa ou filosófica com o uso das chamadas *auctoritates*. *Autorictas* é a decisão de um concílio, um dito bíblico, a *sententia* de um padre da Igreja, ou ainda de um grande filósofo pagão, árabe ou judaico. O recurso à autoridade é a manifestação típica do caráter comum e superindividual da pesquisa E. na qual cada pensador quer sentir-se continuamente apoiado pela responsabilidade coletiva da tradição eclesiástica. A E. medieval costuma ser distinta em três grandes períodos: 1o. a alta E. , que vai do século IX ao fim do século XII, caracterizada pela confiança na harmonia intrínseca e substancial de fé e razão e na coincidência dos seus resultados; 2o. O florescer da E. , que vai de 1200 aos primeiros anos do séc. XIV, que é a época dos grandes sistemas, no qual o acordo entre fé e razão é considerado só parcial, sem que todavia se julgue possível o contraste entre ambas; 3o. A dissolução da E. , que vai dos primeiros decênios do sé. XIV até o Renascimento, durante a qual o tema básico é precisamente o contraste entre fé e razão. Esse conceito da E. foi preparado pela obra fundamental de M. Grabman, *Die Geschichte der scholastischen Methode* (1909, reimpr. 1956). Não faltaram as tentativas de considerar a E. como uma síntese doutrinal completa em que confluíssem e se fundissem as contribuições individuais (por ex. , boa parte de De Wulf, *Histoire de La philosophie medieval*, 1900, e ed., 1958, I. # SYMBOL 167 \f "Palatino Linotype" \s 10# 171, e a bibliografia correspondente). 2. Por extensão pode-se chamar E. toda filosofia que assuma a tarefa de ilustrar e defender racionalmente uma determinada tradição ou revelação religiosa. Nessa tarefa, via de regra uma E. vale-se de uma filosofia já estabelecida e famosa: de sorte que nesse sentido a E. é a utilização de uma filosofia determinada para a defesa e a ilustração de uma determinada tradição religiosa. Nesse sentido generalizado, as E. são muitas, tanto na antiguidade como no mundo moderno. Na antiguidade foram E. o neoplatonismo, o neopitagorismo etc. Na Idade Média, a filosofia dos árabes e dos judeus. No mundo moderno, é uma escolástica a filosofia de Malebranche, a de Berkeley, da direita hegeliana, de Rosmini, de muitos espiritualistas etc. (ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970, p. 326).

Manuel da Costa: n'A *Academia Brasílica dos Renascidos*, cujos escritos representam a transição de um modelo antigo (sucessora do barroco praticado largamente na *Academia Brasílica dos Esquecidos*); *O Parnaso Obsequioso*, que corresponde a um modelo intermediário, que alia circunstância, Retórica e política; e *Arcádia Ultramarina* que representa um modelo ilustrado, segundo a proposta pombalina, porém ainda focado na relação circunstancial.

O quinto capítulo apresenta algumas considerações finais que comprovam a importância de um estudo da obra acadêmica de Cláudio Manuel da Costa, abrindo as perspectivas de conhecimento da sua erudição e, conseqüentemente, endossando o seu valor enquanto letrado no espaço luso-brasílico compreendido entre a segunda metade do século XVIII e a consolidação da estética árcade.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Melânia Silva de. O jogo de oposições na poesia de Cláudio Manuel da Costa. Belo Horizonte, 1973 Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

ARISTÓTELES. Arte Retórica e Arte Poética. São Paulo: Difel - Garnier, 1964.

BARTHES, Roland. A Retórica Antiga. In. Jean Cohen e outros. Pesquisas de Retórica. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

CASTELLO, José Aderaldo. O Movimento Academicista no Brasil. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1969.

CUNHA, Luís da. Testamento político. Org. Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais: Alfa-Omega: São Paulo, 1976.

FRANCO, Caio de Mello. O Inconfidente Cláudio Manuel da Costa. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.

KANTOR, Íris. Esquecidos e Renascidos. São Paulo: Hucitec, 2004.

LAMEGO, Alberto. A Academia Brazílica dos Renascidos. Paris: E`Edition d`art gáudio, 1923.

LIMA, Y. D. A Academia Brasílica dos Acadêmicos Renascidos. Fontes e Textos. São Paulo, 1980. 316 p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

PALMA-FERREIRA, João. Academias Literárias dos Séculos XVII e XVIII. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982.

PROENÇA FILHO, Domício. A poesia dos Inconfidentes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

QUINTILIANO, M. Fábio. Instituições Oratórias. São Paulo: Edições Cultura, 1944.

RIBEIRO, João. Obras Poéticas de Cláudio Manoel da Costa. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro- Editor, 1903.

VERNEY, Luís António. Verdadeiro Método de Estudar. Org. António Salgado Júnior. Livraria Sá da Costa: Lisboa, 1952.